

FICHA TÉCNICA

Título: *Cinzas de Um Novo Mundo*

Autor: *Rafael Loureiro*

Copyright © by Rafael Loureiro e Editorial Presença, Lisboa, 2016

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Artur João Goulart,
PT/AMLSB/AJG/S01838*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2016

Depósito legal n.º 409 338/16

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

O mundo é agora uma sala cheia de fumo.

Faz dezasseis anos desde que o manto de pó negro fechou a atmosfera como as grades de uma jaula. O mundo de antes não passa agora de uma recordação de quem nele ainda viveu... pois ele não existe mais.

Eu lembro-me de um sol luminoso e das manhãs claras, da sensação que me provocava o cair lento da noite. As noites de outono eram as minhas preferidas; a humidade realçava o aroma das árvores, da terra e até mesmo das folhas castanhas caídas no asfalto. Isto quando as estações ainda tinham uma paleta repleta de cheiros e cores distintas.

Lembro-me de tempos de paz e de guerra, lembro-me de homens a digladiarem-se por ideais e a morrerem por eles. Contudo, o fim chegou quando o planeta mergulhou num turbilhão caótico de eventos e os sonhos se perderam em terras tóxicas.

Lembro-me dos heróis e dos vilões do passado. Em verdade, conheci tantos que cada vez se torna mais difícil recordar-me de todos. Mas há um bem presente, prestes a acordar para a luz do destino, do fado que lhe irá revelar o seu caminho numa dança mortal de tudo ou nada. É deste herói que vos quero falar. Mas, para o entender, temos antes de compreender o que aconteceu ao mundo.

Neste momento, para quem ainda queira contar, decorre o ano de 2111. A História previa grandes feitos para esta data, grandes avanços e descobertas. De facto, o que era ordinário deixou de o ser, pois o milénio abriu portas à alta tecnologia. As empresas,

sequiosas por imitar os contos de ficção científica, investiram no desenvolvimento da biotecnologia e da nanotecnologia; tecnologia à escala celular, máquinas de tamanho microscópico, materiais mais resistentes que o aço e apenas com um décimo do peso — o homem a querer tomar o lugar de Deus, a querer dobrar as leis da física, da química... e da vida. Era inevitável dar-se um salto súbito e tremendo nestas áreas, às quais o poder político se associou como um parasita para tirar proveito destes avanços. A vida artificial estava à beira de se tornar uma realidade.

Como na corrida à Lua, cada grande potência tinha os seus cientistas e investigadores, cérebros pagos a peso de ouro, a desenvolver esta ideia de vida artificial. E que país não estaria interessado em conquistar esse lugar na História? Mas o que começou por uma questão de ego rapidamente se transformou numa tensão latente e imprevisível; a possibilidade de um país gerar exércitos de um dia para o outro e lançá-los incessantemente no campo de batalha; clones sem alma, sem família, sem ordenado, controlados a bel-prazer como marionetas alteradas geneticamente, híbridos de humanos e máquinas, mais rápidos e fortes, capazes de desempenhar todas as funções militares dez vezes melhor que o soldado normal.

E da tensão veio o medo... e do medo veio a tensão novamente — uma nova Guerra Fria.

Que país criaria mais soldados, denominados já de *Soldados H*, com a tecnologia mais avançada, em menos tempo? Que presidente teria um império como Roma ou a Pérsia?

Mas o que restava da noção de direitos humanos não permitiu que assim fosse, colocando o pé bem fundo no travão desse veículo desgovernado. Havia ainda homens de honra que, apesar das ameaças, se recusaram a colocar a sua assinatura num documento que iniciaria uma nova era de trevas.

No entanto, era já tarde demais. A crise iminente era uma massa que asfixiava o mundo. O último tiquetaque de uma bomba preparava-se para soar pelo planeta. Decorria o ano de 2089 e o mundo já se tinha dividido em três confederações — cada uma delas liderada pelas grandes potências da atualidade de então. Uma delas, a América Unida, liderada pelos Estados Unidos, que depois da guerra no Médio Oriente se voltou para o Sul do continente americano em busca de recursos. Brasil e Argentina, ricos no setor de extrativismo, refinaria de petróleo e siderurgia, foram os primeiros a ser pressionados pelos Estados Unidos. Depois destes,

todos os países vizinhos se lhes seguiram. Num abrir e fechar de olhos, a América Unida estava formada, englobando todos os países do continente americano — a *Ilha Americana*, chamam-lhe alguns. Outra confederação a formar-se foi a Europeia, que, liderada pela Alemanha, assimilava todos os países da Europa. Os países que até então eram candidatos a entrar na Comunidade Europeia foram recebidos de braços abertos. Formou-se assim a Confederação Europeia. Mas a mais temida era a Aliança Asiática, liderada pela China, que uniu não só o Japão e a Índia, mas também os países do Médio Oriente. Englobando ainda todo o continente africano, era uma força bruta de recursos, homens e tecnologia. As relações históricas com a Europa de nada serviram aos líderes africanos perante as propostas de riqueza e de segurança deste novo império oriental. Apenas a Rússia se manteve, e se mantém por enquanto, só. A grande potência do passado, a primeira a colocar um homem no espaço, consegue ainda prevalecer a qualquer aliança. Quer a Confederação Europeia quer a Aliança Asiática aliciam sistematicamente a Rússia para dar entrada nos seus impérios. É a exportação de gás natural, petróleo e metais que ainda lhe vai concedendo a autonomia e independência. Quanto à Austrália... bem, para um país isolado no meio do Pacífico, imaginem como estará... Nem os asiáticos lhe pegam.

Com os territórios desenhados no planisfério, as confederações ditavam as leis referentes à defesa, à economia e às relações internacionais quase num regime totalitário. Os países aliados deixaram de ser países para passarem a ser estados, que, embora com o mesmo nome, se vergavam sob a égide e o estandarte da sua confederação.

É impressionante ver como os homens pouco aprendem com a História, voltando a cometer os mesmos erros do passado. A tensão escalou para um nível incomensurável, foi uma bala disparada antes do tempo, uma bola de neve que se tornou gigantesca e impossível de ser parada, aumentando a tensão entre os líderes das confederações. Um novo Muro de Berlim, uma nova Cortina de Ferro, a censura para o povo tornado provinciano que repetia entredentes de modo ignorante: «As outras confederações de certeza que já têm *Soldados H!* Temos de nos armar também!»

Mas não era apenas a corrida à criação de *Soldados H* o único problema, havia algo bem mais perigoso e invisível que se espalhava pelo mundo: os nanopoluentes. Estes desencadearam um vasto número de doenças e epidemias nas populações, dizimando aos

milhares. Imagine-se que ninguém previu isto, penso com ironia: lixo tóxico, do tamanho de células, libertado na atmosfera como um tubo de escape ligado diretamente aos nossos pulmões.

Quando em alguns destes novos estados a poluição rasou o limite estipulado pela OMS, a emigração para outras confederações aumentou exponencialmente. As pessoas eram como ratos a fugirem de um incêndio que se alastrara por todo o prédio. Mas estas foram travadas por novas diretrizes das confederações: fronteiras fechadas! Não há acordos!

O mundo era uma granada prestes a explodir. O rastilho estava a milímetros de atingir o núcleo mortal de uma bomba. Líderes intransigentes gritavam das mesas contra outros líderes, impondo, criticando, ameaçando. O mundo rasgou-se quando a ONU, a NATO e tantas outras organizações foram dissolvidas.

Cada confederação estava livre para fazer o que bem entendesse. Tinha a força e a riqueza de dezenas de países, e cada uma delas dois alvos a abater — as outras confederações. A Terceira Guerra Mundial era iminente.

A poluição aumentou ao ritmo das máquinas nas fábricas de armamento biotecnológico e nanotecnológico. O ar tornou-se mais denso; uma cúpula, negra e mortal, tornou-se o novo céu sobre as cabeças das pessoas presas em espaço aberto. A noite foi-se prolongando lentamente pelas horas do dia.

Aos olhos dos líderes, tudo valia nesta desordem.

Ainda hoje, o Sol consegue apenas romper a atmosfera, fria e seca, transformando o negro fumegante num cinzento doentio por cerca de três horas por dia, trazendo alguma luz às paredes imundas das cidades apodrecidas. Luz? Bem... eu não lhe chamaria isso. Depois de décadas de fumo expelido pelas fábricas, esses monstros que rasgam o horizonte em direção aos céus, a luz não é mais do que uma tênue claridade que se mistura no nevoeiro perpétuo, denso e tóxico, inspirado em cada golfada de ar que entra nos pulmões negros da população.

A cada dia que passava, os corpos caíam nos becos, nas ruas, nas calçadas imundas, sem que ninguém os visse, ou fingisse não ver. Um tossir mais persistente era um sinal de alerta. Sangue cuspidado era a sentença entregue pelas mãos de Deus de que o tempo de vida estava a expirar.

Como sinto falta do aroma dos livros, das árvores ou até mesmo da água sem cheiro, pura e fresca de uma nascente...

Assim, o dia passou a ser uma noite constante, como se o inferno tivesse subido à terra vestido de negro, lançando o seu bafô mortal em todas as direções. Mas ninguém se parecia importar mais com isto. Os mais velhos já haviam morrido e os mais novos já tinham nascido no ventre deste caos, não conhecendo outro mundo senão aquele em que habitavam. Aqueles que ainda têm memória de um sol radioso lutam apenas para chegar ao fim de mais um dia de penumbra. A cultura, as artes, a educação ou até mesmo a religião são supérfluas a esta sociedade. Tudo é entrave à sobrevivência de mais um dia.

Mas pensam que a ousadia do Homem ficou por aqui? Claro que não! Depois da grave crise económica de 2009 que levou a maior parte da população à pobreza extrema e com esta o surto de novas epidemias, a nossa Confederação Europeia desenhou um sistema de classes para a população, racionando os recursos existentes por estas de acordo com as suas funções: os Pares, os Ímpares e os Nulos. Uma tatuagem no pulso direito, traços grossos e vermelhos desenhados por um químico secreto, assinalava a classe a que cada pessoa pertencia. Os Pares, com dois traços paralelos, eram as figuras influentes da sociedade, os provedores, os políticos, os homens e mulheres de estatuto profissional que mais contribuíram para o avanço desta grande organização. Os Ímpares, apenas com um traço, eram os operários, os trabalhadores esforçados que impediram os pilares de tremer, os peões. Por fim, os Nulos... sem qualquer marca, os degenerados, pobres, desempregados e doentes, os párias que os outros fingiam não ver.

Foi por entre estes últimos que a Confederação lançou uma campanha para angariar voluntários para uma nova era de soldados — os Tecnal. Para quê desperdiçar dinheiro a replicar vida humana, se à porta há tanta matéria-prima por explorar e tão mais barata? Um projeto-piloto nos países mediterrânicos da Confederação, entre eles Portugal, França e Itália, pretendia unir finalmente as duas peças: humanos e máquinas.

Facto é que a população, miserável e inculta, dava-se como cobaia. Pessoas rotas e gastas, corpos sem alma movendo-se lentamente como espectros pela neblina cinzenta, faziam fila durante dias para serem testadas, sendo-lhes inseridas os mesmos implantes que foram desenhados para os clones, a troca de um punhado de créditos, a moeda retangular e translúcida da Confederação, feita de um material secreto e de uma textura inimitável, dinheiro que eles nunca chegariam a usar. Contudo, a voz monocórdica do

locutor da única estação de rádio do estado continuava a seduzir o povo, fazendo-se ouvir através dos altifalantes roucos nas ruas cada vez mais desertas.

Tecnal, humanos tornados soldados com implantes cibernéticos. Pobres almas...

A nossa confederação foi, e continua a ser, liderada pelo general alemão Maik Eberhart, o *Javali*, como lhe chamam, não só pelo seu grande porte físico mas também pelo seu proeminente maxilar inferior. Tal como este líder, que outro se importaria que os pobres morressem em troca de armazéns cheios de supersoldados? Os pobres, essa praga que se estende e aumenta exponencialmente, morreriam na mesma mais dia, menos dia, com um sinal de sangue na tosse. É irónico pensar que eram estes os primeiros a ser escolhidos das filas... aproveitamento de recursos; há que colher a fruta antes que apodreça, não é verdade?

Se a nossa confederação conseguiu? Claro! Quando um animal faminto quer comer, corre sempre mais rápido.

Mas, em 2101, sucedeu algo que ninguém esperava: um vírus informático de nome Tânatos.

O Tânatos, silencioso, penetrou nos computadores principais das fábricas Tecnal e imprimiu o seu selo de morte nos *chips* usados por esses homens-máquinas. Quarenta e oito horas após a descoberta deste vírus, os dispositivos eletrónicos dos corpos dos Tecnal desligaram-se, fazendo os seus corações parar, os pulmões colapsar, ou simplesmente o sangue entrar em ebulição e jorrar por todos os orifícios do corpo. Outros enlouqueceram, pondo fim à sua vida pelas próprias mãos. A Confederação ficou silente por momentos, observando os corpos jazentes nos armazéns...

Como é óbvio, ninguém reivindicou este ato sangrento. Falou-se de terrorismo, de células rebeldes, esperou-se que dedos fossem apontados às outras confederações e que, com ou sem estes soldados, a guerra rebentasse como um tomate podre, espremido, deixando nódos em todas as direções. Mas não. Nos dias que se seguiram, o luto serviu para observar outra coisa: o esgotamento dos recursos energéticos. Tudo foi consumido e desapareceu como migalhas depois de um piquenique. As formigas maiores colheram tudo: carvão, petróleo, gás natural... tudo foi desperdiçado em algo que se partiu.

O planeta era uma pilha quase vazia, uma lâmpada prestes a fundir-se. As terríveis condições atmosféricas impossibilitavam a frágil extração de urânio e a sua utilização em centrais nucleares.

A cúpula tóxica que cobria a Terra inviabilizava o aproveitamento de energia solar. Não havia luz, radiação ou calor.

Foi esta escassez de recursos que levou o general Maik Eberhart a ordenar que se encerrassem as fábricas Tecnal e, num discurso histórico, dirigindo-se ao mundo e aos presidentes deste, apelou ao desarmamento, à união num combate contra aquilo que era agora a maior ameaça — a poluição. Havia outras, claro, a pobreza extrema e a corrupção que reinava desde as ruas às altas esferas políticas. Tinha de se começar por algum lado, não?

A toxicidade do ar já aniquilara milhares de espécies animais; a flora, quase extinta, não conseguia produzir oxigénio, que se encontrava muito abaixo do nível ideal. A atmosfera negra e tóxica era uma cortina fumegante que sufocava o planeta.

Então, numa união já não vista há muito, as outras confederações responderam. Cientistas das três potências criaram uma ponte de encontro e desenvolveram um projeto comum: Purificadores, blocos do tamanho de arranha-céus, chamados de Moinhos. Eles foram erigidos por todo o mundo e, como gigantes de betão trabalhando vinte e quatro horas por dia, rodando as suas hélices num dispositivo avançado de engenharia física e química, são a esperança de um futuro melhor. Mas quantos anos serão necessários para limpar três décadas de poluição nanotecnológica, libertada a todo o vapor para a atmosfera? Como um vírus, esta peste silenciosa e mortal entranhou-se há muito em todos os ecossistemas e células vivas. O nevoeiro pestilento e nauseabundo ainda hoje me parece igual desde a inauguração destes gigantes...

Atualmente, quase tudo é racionado: a energia, a alimentação, o combustível. No nosso estado, Portugal, as únicas fontes de energia existentes provêm das ondas do mar poluído, de algumas barragens quase vazias e das torres eólicas do século passado. Cerca de noventa por cento desta fraca corrente é dirigida aos três Moinhos situados na periferia da capital e à rede de caldeiras subterrâneas que, como monstros por baixo da terra, sopram em cada quarenta e três segundos por aspersores, através das grades dos passeios da capital, vapor de água quente, tentando conferir algum calor e humidade ao ambiente. Os outros dez por cento são distribuídos pela população. A maior parte desta fatia vai para a Zona 1, o centro da metrópole onde habitam os Pares. Esta zona é um oásis urbano de claridade, isolada por paredes altas qual gigantesco condomínio fechado. O comércio faz-se com relíquias de um passado distante,

alimentos orgânicos, roupa e água potável. Os Ímpares habitam a Zona 2. Nessa, a energia chega a cada apartamento decrepito numa fraca tensão que pouco mais suporta que duas ou três lâmpadas acesas de cada vez. Porém, o estado encarrega-se destes operários, distribuindo a alimentação diária em bisnagas de uma geleia negra, rica em proteínas, amarga e granulada. Nas ruas, as pessoas cinzentas e encasacadas circulam num constante semblante fúnebre, relanceando os céus plúmbeos, temendo o inverno e as chuvas ácidas. Aqui, o comércio é vago, pois poucos são os produtos que saem da Zona 1. Os hospitais pardacentos estão sistematicamente lotados, as escolas vazias, e os candeeiros com uma ténue luz branca, por entre o nevoeiro cinzento, concedem ao ambiente um tom tenebroso e sórdido a que ninguém parece reparar. Na Zona 3, embora não havendo uma separação física da 2, a energia dispensada mal chega para os candeeiros nas ruas que ainda subsistem ao vandalismo, disparando *flashes* intermitentes de luz branca que se perde na névoa densa. Os prédios não são mais que uma assombração de um caos urbano, blocos de cimento despidos, as ruas repletas de escombros e lixo que as percorre à mais leve brisa. Ali, tudo tem a mesma cor: preto e branco. Ali, é onde os Nulos se esforçam por sobreviver, onde o mais forte impera, sendo a única força de equilíbrio a Trisquel. Esta força policial, dividida em três unidades, investiga e estabiliza, com base num sistema criminal simplificado apoiado por um juiz, as Zonas 2 e 3 da metrópole.

Esta organização social, que conferia uma parca segurança, levou as pessoas a convergir para as metrópoles, levando à desertificação do resto do país, chamado agora de Zona 4, um deserto árido e frio de poeira tóxica.

Novidades? Uma delas foi que, ao contrário da ideia generalizada de que os Orientais se encontravam na vanguarda da tecnologia, afinal estávamos nós à frente já com uma linha de montagem de Tecnal. Outra novidade foi que, embora se julgasse que todos estes homens-máquinas se tinham suicidado dentro das caixas de brinquedos que eram os seus armazéns da Confederação Europeia, alguns apareceram inesperadamente nas ruas. Aparentemente, conseguiram sobreviver através de uma droga experimental, diz-se que de origem grega — Hipnos. Quem a criou ou de onde veio ao certo, ninguém sabe, mas sabe-se que é a rainha nas ruas. Traficantes magros e sujos, conhecidos por Ratazanas, exibem-nas sob os seus casacos, vendendo-as e lutando entre si como um bando de animais

que tenta estabelecer o seu território. Dez mililitros de Hipnos — um soro com milhões de nanorrobôs —, injetados num dispositivo cibernético na pele do Tecnal, adormecem o vírus e afastam a morte por dois dias, voltando a energizar os mecanismos tecnológicos que mantêm o corpo a funcionar com a perfeição de um relógio suíço. Mas depois, como uma amante ingrata, a ressaca do Tânatos volta a fazer-se sentir, aproximando-se lentamente numa náusea, depois numa dor que se torna lancinante, a loucura e, por fim, o negro que se encontra no fundo do cano de uma pistola.

Pelo menos alguém manteve o sentido de humor ao batizar o vírus de Tânatos, a personificação grega da Morte, e a droga que o afasta de Hipnos, a personificação do Sono.

Os Tecnal, embora um grupo independente e sem qualquer organização, são como baratas que se escondem quando se acende a luz, resistentes e resilientes. Considerados foragidos por um decreto-lei emitido pela Confederação Europeia há oito anos, conhecido como Decreto-Lei 2103, que ordena a captura e reclusão dos mesmos, são ainda considerados armas vivas e descontroladas. É fácil deduzir que o verdadeiro problema aqui é que a Confederação não os consegue controlar, pois se conseguisse... sabe-se lá como estaríamos agora.

Pouco se sabe do resto do mundo para além das muralhas das fronteiras. A censura não permite que o povo saiba mais do que algumas linhas de notícias dadas através da única estação de rádio existente — obviamente da Confederação. Estas linhas são lidas há anos pelo locutor de rádio na mesma cadência monocórdica que imprime nos cérebros da plebe as ideias subliminares que eles desejam implementar.

Apesar do trabalho conjunto na criação dos Moinhos, a tensão entre confederações mantém-se e as fronteiras continuam erguidas. Ninguém quer ser o primeiro a ceder.

Da Hipnos, a droga, sabe-se que algumas células rebeldes ainda perduram, produzindo este *vitae* que mantém os Tecnal ativos. Quando estes são capturados pela Unidade Antitecnal da Trisquel, são torturados e espremidos de toda a informação acerca destes laboratórios, mas eles, diabos que tentam simplesmente sobreviver às próximas quarenta e oito horas, nada sabem, pois o rasto desta droga perde-se nas Ratazanas que a traficam. Por ordem do decreto-lei, os Tecnal são sentenciados à reclusão. Claro que as prisões estão vazias; é só esperar dois dias para que o Tânatos faça a sua magia, o trabalho sujo.

Saibam que a Confederação tem medo dos animais que criou, pois estes têm capacidades extraordinárias, dadas consoante a função para que foram criados. Há apenas quatro tipos de Tecnal: os Batedores, que conseguem deslocar-se sem fazer barulho, ouvindo um ramo a estalar a duzentos metros e portam uma capacidade de memória impressionante, com o objetivo de trazer o máximo de informações e detalhes de determinado local; os Tanques, que com a sua força sobre-humana conseguem dizimar sozinhos um pequeno exército; os Atiradores, que com uma precisão impressionante conseguem abater um homem a mais de três mil metros de distância; e, por fim, os raros Telecinéticos, que, tal como feiticeiros, conseguem manipular objetos apenas com a sua mente.

Com todos estes acontecimentos que ensombraram e assolaram a humanidade, neste mundo que se esmaga sobre o peso dele mesmo, houve outras coisas tão ou mais estranhas a emergir da penumbra; as pessoas chamam-lhes de Imortais, mas eles chamam-se a si mesmos de Nocturnus. Este grupo parece existir há muito, muito antes destes acontecimentos, muito antes de o Sol se ter encoberto. Esta casta de seres solitários, que se erguem pelas sombras dos prédios das cidades, tem um comportamento distinto, trazido de outras alturas; nobres, serenos, pacientes, como se o tempo não se interessasse por eles. Diz-se que alguns podem ter mais de duzentos anos. Quase indistinguíveis dos humanos, misturam-se na sociedade sem que ninguém saiba de onde vieram ou qual é o seu objetivo. O povo inculto julga poder tratar-se de uma secreta e antiga primeira geração de Tecnal, que, adormecidos, emergem agora neste tempo de caos.

Quando se esperaria um domínio da sua parte, nada é mais contrário. Diz-se que este grupo está também em vias de extinção, pois fala-se em surdina que o seu alimento é o sangue humano... e este há muito que deixou de ser saudável.

Estes seres de Nocturnus parecem ser apenas vigilantes, mantendo-se à parte de tudo e de todos. Talvez por isso as confederações prefiram ignorar a sua existência. Mas até quando? Certo é que ninguém estranhou a existência destes seres, pois do bizarro e do decadente está o mundo farto.

Mas o herói de quem vos quero contar a história não é um Imortal ou um Tecnal. Ele é um humano comum, com um nome comum, mas com características extraordinárias. O seu nome é: Filipe.

I

FILIPE *EAGLE*

Um estrondo rasga o silêncio lânguido abruptamente.

Num gesto veloz, quase impercetível, ele arranca a pistola cromada, uma *Desert Eagle* de modelo europeu, da mesa ao seu lado e aponta-a para o vazio ao fundo da cama. Pela penumbra parda-centa, os seus sentidos entorpecidos despertam num ápice, como se tivesse já bebido as três doses da mistela negra e amarga a que ainda chamam de café. No rosto, não mais que um borrão, os seus olhos castanhos deslizam pelas órbitas, perscrutando o pequeno apartamento vazio de traços antigos e empoeirados. Em alerta, ele não se mexe. Nem sequer pestaneja.

O nevoeiro parece ter penetrado como um espectro pelas sombras abundantes das divisões da sua casa, vagueando denso, mantendo-se nele a sensação de que esteve ali alguém, como se a energia de um corpo tivesse ficado impressa no ar.

O tempo parece ter parado, suspenso num fino fio de tensão silente. Os momentos sucedem-se numa respiração contida. Nada muda. É como olhar para uma fotografia a preto e branco. A porta do guarda-roupa mantém-se escancarada. A pequena divisão ao canto, outrora uma cozinha, está vazia, tal como a minúscula casa de banho. A porta de saída ainda está trancada. A seu lado, a mesa de cabeceira continua torta, suportando apenas o cartão do carro e o telefone fino, digital, que não serve para mais do que receber chamadas da central.

Ainda de arma em punho, que reflete os ténues lampejos que provêm dos candeeiros na rua abaixo, quase consegue ouvir o esgravatar das baratas na bancada da cozinha.

A sua pistola aponta para o vazio. Nada mais.

Ele duvida se aquele som seria real. Poderia ser um tiro da arma de uma Ratazana numa disputa por território, um acerto de contas entre rivais, ou algo da sua cabeça, como um daqueles sonhos que o têm vindo a atormentar de algumas semanas para cá.

— *Só me faltavam os pesadelos para me tornar no cliché dos romances noir...* — atira com ironia para si mesmo, enquanto baixa a patilha de segurança da pistola com o polegar.

Uma brisa gelada afaga-lhe o rosto. As persianas sujas da janela aberta ondulam num restolhar. Ele não se recorda de ter deixado a janela aberta. Com o inverno a chegar e a neblina tóxica parecendo cada vez mais densa, ele não se iria esquecer de a fechar... Mas tem andado cansado.

Sentado na cama, mantém-se imóvel por mais uns momentos, organizando as ideias naquele acordar súbito que lhe parece pesar agora depois de a adrenalina desaparecer.

Com a arma esquecida na mão, ele passa-a pelo cabelo crespo, curto e castanho num gesto fatigado, enquanto finalmente solta um longo suspiro. Uma súbita tosse assalta-o. Ondas atrás de ondas de brasas passam-lhe pela garganta como se esta estivesse a ser queimada com ácido. O seu arranhar sonoro e gutural é um fogo que se propaga pelas paredes vazias. As entranhas contraem-se-lhe até ele perder o ar. Os seus olhos lacrimejam, cerrados.

Aos poucos, ele controla a respiração em leves inspirações. As costas da mão servem-lhe de lenço onde limpa os olhos húmidos. Ele ergue a cabeça para o teto e volta a suspirar.

Lentamente, acaba por se levantar, em tronco nu, usando as calças negras que usou no dia anterior. Apesar do seu tronco definido, aos trinta e oito anos, já não sente metade da vitalidade que tinha quando jovem.

Aproximando-se da janela, entre o guarda-roupa e a cama, ele afasta as tiras sintéticas e debruça-se no parapeito. Do quarto andar daquela rua estreita, ele olha para baixo, para a cidade formada por escombros e poeira. Tudo é um mar de nevoeiro tóxico e denso, onde não se consegue distinguir se é dia ou noite, pois ambas têm a mesma cor e o mesmo cheiro pútrido. Semicerrando os olhos, pode ver que a brisa faz a neblina negra, mais densa junto ao chão, percorrer as ruas por entre os prédios como uma peste, onde poucas são as luzes dissimuladas que a conseguem romper.

Tudo está envolto numa placidez mortal. Parece-lhe cada vez mais que a Zona 3 ganha terreno sobre a 2, engolindo-a, consumindo-a metro a metro a cada dia que passa.

O frio enrijece-lhe o corpo, arrepiando-o. O inverno aproxima-se e com ele as temíveis chuvas ácidas. O que não daria ele por uma sensação de calor? Certamente que ainda retém algumas memórias desde a infância, mas ele não gosta de as visitar. Todas lhe parecem impessoais e distantes, quase como se tivessem sido vividas por uma outra pessoa.

Resignado com o sucedido, ele puxa para baixo o vidro da janela e liberta as persianas no momento em que os seus olhos encontram um vulto no topo do prédio à sua frente. Naquele instante, gravado automaticamente na sua mente, alguém vestido de negro, de roupa justa, agacha-se num movimento quase felino. No seu rosto magro, uns óculos escuros, redondos e espelhados, dirigem-se para si.

Imediatamente, ele afasta de novo as persianas, mas o vulto, qual fantasma, desapareceu por entre os recantos dos telhados dos prédios que se perfilam à sua frente.

— Um Imortal!? Aqui? — pergunta-se num sussurro, rouco, perscrutando os topos dos edifícios.

Mas pelo nevoeiro resta apenas o vazio e a dúvida.

— *Calma! O que haviam de querer eles de ti?* — pensa, enquanto deixa a cabeça tombar para a frente num gesto cansado. — *De certeza que não é do meu sangue que andam à procura!* — afirma, olhando para a pequena garrafa de oxigénio com o símbolo da sua força policial — um tríscele — perdida por entre os lençóis.

O peso da arma na sua mão faz-se sentir, relevando a tensão com que apertava o cabo.

De braços estendidos ao longo do corpo, ele vira-se para o quarto, o seu pequeno mundo, encostando-se às persianas, certificando-se definitivamente de que nada fora mexido. Pelos ténues *flashes* de luz branca injetada pelos candeeiros da rua, como tiros de uma arma, pode ver que tudo está igual, cinzento, sujo e bafiento.

De um momento para o outro, os clarões cessam, anunciando o meio-dia, e, como se uma lâmpada fraca se acendesse no céu, projetando lentamente alguma claridade pelo espaço, o ambiente monocromático da cidade ganha uma cor sépia-acinzentada, doentia e deprimente.

— Hunf! *Bom dia!* — pensa, ironizando, encarando o seu apartamento caótico, espelho da sua vida.

A sua sombra é dissimuladamente projetada na parede à sua frente, onde manchas escuras proliferam. Por breves momentos, ele detém-se a olhar a silhueta esfumada. Ele poderia perguntar-se onde ou quando terá a sua alegria morrido. Porque se empeder-niu o seu rosto numa expressão séria e impenetrável a um sorriso? Terá sido fruto da típica família suburbana com um pai operário e ausente? Uma mãe, deprimida, que fazia dos antidepressivos as suas refeições? Uma noiva que o deixou no momento em que entrou na polícia como cadete, trocando-o por um académico qualquer com um salário de quatro dígitos?

Mas ele não se questiona sobre o passado, pois esse está morto e todos os seus intervenientes, colhidos nos primeiros surtos de doenças pulmonares.

Ele passa pela roupa espalhada pelo chão e coloca a pistola em cima da mesa de cabeceira, dirigindo-se de seguida à casa de banho, acendendo o interruptor à entrada. Mas, em vez de luz, apenas o negrume. Um ínfimo ponto avermelhado na pequena lâmpada cilíndrica mostra que não está fundida, mas sim temperamental, como se estivesse a decidir acender ou não. Os olhos dele fitam-na por momentos, mas é escusado. Parece que as luzes demoram cada vez mais tempo a acender naquela zona. Virando-se para o espelho retangular sobre o lavatório, tentando apanhar um pouco da claridade acinzentada da rua, passa as mãos pelas faces, quais lixas da barba a despontar, e penteia o cabelo com as pontas dos dedos.

Ainda tentando ver mais do que um vulto no espelho, ele pressiona o manípulo da torneira, mas com o som da água corrente vem o cheiro a desinfetante, que logo lhe dá a volta ao estômago. Inspirando fundo, ele passa uma concha de água pelo rosto. A água gelada e os pingos que lhe escorrem pelo peito fazem-no contrair os músculos. Ele puxa a toalha ao seu lado, mas, ao aproximá-la do rosto, o cheiro a mofo atinge-lhe as narinas.

— *Boa!* — ironiza, atirando a toalha para a cabina de banho, vendo que era a única lavada.

Coçando o risco vermelho no seu pulso, a tatuagem que o define como Ímpar, ele volve para o quarto desolado.

Tentando trazer um pouco de ordem àquele espaço, puxa as mantas da cama e apanha a roupa espalhada no chão. O casaco negro, reforçado nos ombros e cotovelos, parte da sua farda,

pendura-o nas costas da cadeira ao lado da porta e passa as costas da mão pela insígnia da Trisquel, alisando-a. O seu estômago revolve-se, não só pela fome, mas pelo facto de se sentir traído pela senhora que ama, a senhora cega que ergue uma balança — a Justiça.

Nos últimos tempos descobriu que afinal a justiça não funciona bem como ele julgava. Não que fosse ingénuo ao ponto de acreditar que essa fosse uma máquina oleada e precisa, mas quando meses de investigação são atirados à rua pelo Sapiente da sua esquadra, isso causa-lhe revolta, uma ira do seu âmago que tem de aprender a controlar. Isto é algo novo para ele: a sensação de ser um cão a querer morder a mão do dono.

Filipe entrou na polícia em 2095, com vinte e dois anos, no ano da separação das classes. Esta foi a única garantia de um futuro minimamente seguro que os seus pais lhe deixaram; a certeza de que pelo menos um traço vermelho seria tatuado no seu pulso.

Durante oito anos patrulhou as ruas da metrópole, foi um agente preciso e implacável até a notícia da libertação dos Tecnal e do aparecimento da Hipnos ter sido anunciada, e com isso a criação da Trisquel. Esta força policial estratégica, de conceito nascido em França logo após o Decreto-Lei 2103, foi trazida para Portugal e implementada na fronteira entre as Zonas 2 e 3 da capital com o objetivo de monitorizá-las e controlá-las. Devido ao percurso exemplar de Filipe, com trinta anos, foi convidado a integrar a Unidade de Combate à Hipnos desta mesma força. A estrutura é simples: uma esquadra dividida em três secções: Unidade de Combate à Hipnos, Unidade Antitecnal e Unidade de Estabilização. Porém, no centro desta existe o Sapiente, um juiz, um homem designado pela Confederação, responsável por aplicar as leis aos indigentes de forma célere.

Agora o veneno corre dentro dele, intoxicando-o como o ar que respira, desde que o Sapiente libertou Félix, o maior traficante de Hipnos da capital, que Filipe havia detido. Só de pensar nisso, o seu maxilar contrai-se e os seus lábios apertam-se numa linha fina. Ele sempre defendeu a lei, como pode ela ter-lhe feito isto? O seu estômago volta a revolver-se.

Com a roupa suja usada amontoada a um canto e as mantas estendidas na cama, ele dirige-se à cozinha, uma divisão pequena, com apenas dois armários sem portas, uma pequena bancada, uma mesa individual de metal e uma cadeira. A luz da casa de banho

finalmente se acende, lançando uma luz branca e ténue sobre o apartamento. Tudo são sombras e recortes direitos de uma claridade fosca.

Em cima da bancada, duas bisnagas de geleia, o manjar intragável que a Confederação fornece aos seus trabalhadores da Zona 2. Uma, já espremida, serve de festim a duas grandes baratas que se metem em fuga com a presença de Filipe. Num gesto lento, antecipando já o sabor, retira a película da segunda e espreme o conteúdo granulado e enjoativo para a boca. Apoiando as mãos na bancada e tombando a cabeça para a frente, ele força-se a engolir aquele gel num trago amargo, mas o sabor já se parece ter entranhado nas suas papilas gustativas.

— *Tenho de comprar alguma coisa para comer...* — pensa, lançando o pacote espremido para junto do outro.

Em passo lento, volta até ao quarto e senta-se na cama, puxando as botas pretas e duras de debaixo desta. As calças terão de servir para mais um dia. Ele calça uma bota e depois a outra, apertando as presilhas de metal e ajustando-as às canelas, uma de cada vez. O chão de madeira range sobre os seus pés num chiar desolado enquanto se dirige ao guarda-roupa periclitante, mas, ao tocar na porta, as dobradiças finalmente cedem e ela cai num estrondo. O suspiro de Filipe é um grunhido de raiva.

Ignorando o pedaço de mobília no chão, retira a última camisola limpa. Toda a sua roupa é negra, cor da Trisquel e das ruas da cidade. Num gesto repetido tantas vezes, faz passar os braços pelas mangas grossas e veste a sovaqueira, onde encaixa a arma. O casaco veste-o como uma segunda pele e aperta-o até cima.

Depois de rodar o pescoço, fazendo-o estalar, olha por momentos a porta de saída, abrindo e fechando os punhos algumas vezes. Este gesto inconsciente é quase um ritual que o transforma no *Eagle*, que lhe confere foco naquilo que é de facto importante. Lá fora, a cidade é um monstro frio e cruel, mas ele sabe como domá-lo. Ela, sim, é a sua casa. Com um esgar duro, ele retira a insígnia do casaco e guarda-a no bolso.

Hoje vai fazer as coisas de maneira diferente.

II

UMA MANCHA NO ASFALTO

O vapor morno que se eleva numa golfada branca pelas grades do chão, vindo das canalizações subterrâneas, paira no ar fétido e arrefece rapidamente, misturando-se com a névoa cinzenta e poluída. A eterna neblina tóxica é tão densa que mal se conseguem distinguir os contornos do que quer que seja a uns pares de metros. A claridade doentia do sol já se extinguiu. Agora, tudo naquela cidade, naquele estado, naquela confederação, volta às escalas de cinzento e vermelho. Dos postes que subsistem ao vandalismo, jatos de luz branca são disparados pela neblina, intermitentes da fraca corrente. Aqui e ali, nesses mesmos postes ou nos prédios, luzes vermelhas de sinalização mantêm-se acesas sob os alarmes de catástrofe. Não fossem estas, as ruas da Zona 3 seriam um imenso mar caliginoso. Porém, a Filipe tudo lhe parece da mesma cor — a cor da crueldade e dos crimes indescritíveis onde tudo acaba por ficar tórpido, despersonalizado e comum...

Ele sabe que a sociedade encara o limiar do colapso e sabe que é peça de uma máquina que luta para que isso não aconteça... ou que deveria lutar para que não acontecesse. Por isso, hoje, a bem ou a mal, ele vai combatê-lo à sua maneira.

Na esquina gelada da rua transversal onde se encontra, pouco mais do que escombros de prédios altos, a sua roupa escura confere-lhe a camuflagem perfeita naquele ambiente monocromático. Ele é mais uma sombra, um predador a aguardar a presa por entre o lixo que abunda e restolha pelo alcatrão manchado. Mas o tempo passa lentamente. A sua cabeça move-se de um lado para o outro, os seus olhos castanhos perfuram a névoa seca que se ergue como o bafo de um dragão adormecido. Não há movimento. Apenas o burburinho

dos transeuntes lhe vai chegando aos poucos, vindo da rua principal, e de vez em quando o sopra acelerado do motor de um automóvel.

Desviando o olhar da rua fumegante para o seu relógio de pulso, gasto, ele vê o ponteiro das horas quase a bater nas três.

Podiam ser três da manhã ou três da tarde. De facto, não há grande diferença. O mundo está cheio de «mortos-vivos» que nem se apercebem que caminham no limbo. A falta de luz entorpeceu as pessoas, que parecem ter perdido a orientação e alguma da sanidade mental. No início foi assim. Mas, apesar de a luz do Sol não se ver há anos, as mentes nunca se habituaram, nunca se desentorpeceram, até mesmo aqueles que já nasceram nesta obscuridade parecem padecer do mesmo mal.

— *A Confederação zela pela nossa segurança. Reporte qualquer ato de violência* — faz-se ouvir através das colunas dos alarmes espalhadas pela cidade, ecoando nas ruas estreitas e escuras, a voz distorcida e gasta pelo tempo, gravada por um locutor que certamente já morreu.

Aquela maldita voz, a todas as horas certas, é já uma constante entranhada nos cérebros.

— Raio de frio! — resmunga de dentes cerrados na sua voz rouca e grave, puxando para cima a gola do casaco.

Da treva, finalmente algo o desperta: passos leves no asfalto corroído entram na rua. Ele aperta-se entre a parede de tijolo frio e o contentor que transborda de lixo. O cheiro nauseabundo a podre agonia-o.

Ele leva a mão ao bolso do casaco, procurando o filtro de ar do nariz, mas, em vez da película com textura de silicone, o bolso está vazio.

Ele não se incomoda. A sua mão logo encontra o fecho do casaco e, com a pulsação a aumentar, abre-o devagar. Talvez seja esta a altura de colher os frutos de meses de investigações. Tudo o leva até ali, para aquela pessoa de passos tão ligeiros que mal arranham o asfalto.

Ele inspira lentamente aquele ar pútrido, mal reparando agora no cheiro, no pó que se entranha na roupa e nos pulmões. Ele sente a adrenalina a libertar-se nas suas veias, essa droga da qual nunca se conseguiu libertar.

— *Calma. O teu motor já não está afinado. Abranda. Expira devagar* — pensa para si mesmo.

Os passos lentos aproximam-se cada vez mais da esquina onde ele se oculta. A sua mão desliza como uma serpente para dentro do seu casaco e encontra o metal da arma.

— *Três metros... Dois metros...* — mede ele intuitivamente pelo som dos passos.

Um vulto magro, de camisola larga e gorro na cabeça, passa a seu lado sem se dar conta da sua presença. Num gesto rápido e voraz, *Eagle* agarra-o pelo ombro e, varrendo-lhe a perna, puxa-o para o chão. O corpo cai de costas, desamparado.

Os olhos jovens no rosto sujo e côncavo de tão magro entortam-se para o cano da arma de Filipe, que, sobre ele, com esgar tenso, arfa de adrenalina.

O rapaz moreno, apanhado de surpresa, com a arma apontada à testa, não reage. *Eagle*, pelo contrário, perde a sua expressão tensa para dar lugar a uma confusa.

— Tu não és o Félix!

— N-não! — balbucia o rapaz.

Filipe ergue-se revoltado, chutando uma pedra para o monte de escombros no meio da rua.

— *A pista era falsa. O que podia esperar de uma Ratazana? Que desse com a língua nos dentes sobre o paradeiro de um dos seus cabecilhas?* — rosna para si mesmo.

O jovem, dos seus dezanove anos, permanece deitado no chão, imóvel, com ar assustado. Os seus olhos arregalados seguem a arma na mão do agente.

— Levanta-te, *puto*. Vai-te embora — atira ele com um aceno para o fim da rua, enquanto guarda a arma na sovaqueira.

O rapaz ergue-se rapidamente num salto, mas quando do bolso da sua camisola cai um frasco, um cilindro com líquido castanho, ele estaca como se alguém pressionasse o botão de pausa num filme. O seu olhar está preso no frasco que rola lentamente até aos pés de Filipe. Os olhares de ambos, por momentos, fitam o frasco de Hipnos, a droga rainha das ruas, a salvadora dos Tecnal, para depois se erguerem um para o outro. Como uma Ratazana que é, num ápice debanda numa corrida.

— *Merda!*

Eagle dispara no seu encalço. Pela rua estreita, entre paredes de tijolos escuros, o vulto que rasga a neblina é ligeiro, jovem, mas Filipe ainda tem muito para dar, desde que consiga controlar a respiração. Naquela atmosfera hostil, cada golfada que entra nos pulmões abertos é como tragar ácido.

— *Não o percas do teu ângulo de visão! Ele não há de ser mais rápido do que tu. Vá! Controla a respiração!*

Chegado à rua principal, o jovem não hesita em virar à esquerda. Quando Filipe dobra a esquina, pela luz dos clarões

intermitentes, pode ver ao fundo um aglomerado caótico de dezenas de pessoas que esperam já o carro blindado da Confederação, responsável pela distribuição da geleia alimentar. Todas elas envergam casacos sujos, rasgados e escuros, parecendo uma horda de espectros por entre a neblina densa e escura. É ali que o jovem vai tentar despistá-lo.

Saltando por cima de montes de lixo e escombros caídos das fachadas dos prédios, ele acelera no seu encalço. O rosto do jovem vai aparecendo sobre o ombro, esperando que ele desista aos primeiros metros como os outros agentes. Mas ele não é um agente comum: ele é o *Eagle*.

As pessoas, mendigos da Zona 3 de vestes ruças resgatadas do lixo das Zonas 1 e 2, ocupam toda a extensão da rua, esperando receber a sua porção de bisnagas, que, na maioria das vezes, não chegam para todos.

Habilmente, o fugitivo rompe caminho por entre aquela muralha, dissimulando-se na mesma, mas ao som das botas de Filipe na calçada a multidão afasta-se. Queixos caídos e olhares surpresos seguem-no e à arma na sua mão.

Com uma ordem, ele podia pedir ajuda às pessoas para que o agarrassem, mas ali, naquela zona da metrópole, por mais propaganda que se faça, nada irá mudar o facto de que ele representa o estado e a máquina que as deixa à beira da morte, sem comida, medicamentos ou qualquer tipo de apoio.

— *Respira pelo nariz. Aguenta!* — ordena a si mesmo quando o peito se lhe começa a aquecer por dentro.

Agora sim, arrepende-se de se ter esquecido do filtro nasal.

Ele está a poucos metros do rapaz e deixá-lo fugir não é opção. A sua motivação é a mesma, recapturar Félix, e este miúdo pode ter as informações que precisa.

Pelo asfalto em frente das lojas há muito vandalizadas, o rapaz ziguezagueia, olhando incessantemente para trás, esperando que *Eagle* desista a qualquer momento. Mas facilmente vê a determinação no rosto duro do agente.

O jovem arqueja, corre e continua a esbarrar contra as pessoas que vêm da direção contrária, dirigindo-se para o local de distribuição, rompendo caminho à frente de Filipe.

Ele vê-se finalmente obrigado e respirar pela boca e o vapor que é disparado pelos aspersores não ajuda, deixando-o com um sabor azedo na garganta.

Com uma bala na perna, o puto seria um carro de pneus furados a tentar uma fuga. Mas ele não é assim. *Eagle* age pelas regras.

O rapaz percebe que não tem solução senão usar outro plano. Nas ruas sabe-se que *Eagle* é um caçador resolvido a nunca deixar a sua presa fugir. Mal sabe ele que Filipe quase não consegue respirar. A sua expressão esconde-o, mas por dentro ele é uma fornalha prestes a explodir.

Num movimento inesperado, a Ratazana vira para uma transversal.

Na rua estreita, enfeitada com as luzes vermelhas roubadas dos alarmes, raparigas decrépitas de minissaias negras e corpetes justos, que se encostavam pelas paredes enfrentando o frio, esperando por clientes, afastam-se com a comoção que se aproxima. Os olhos pintados de negro com cinza espantam-se ao ver o agente.

Negros como a neblina que os envolvem, os prédios de quatro andares e janelas entaipadas estão em decomposição, pelo que a fechadura da porta de metal de um deles não resiste quando o jovem se lança sobre ela.

Sem hesitar, o agente segue-o e penetra no ventre daquela construção, para logo ser assaltado pelo cheiro pútrido de excrementos misturado com o bafo quente da respiração das pessoas que o utilizam. Nas paredes escuras, iluminadas pelo vermelho das lâmpadas de alarme e onde proliferam manchas de humidade, estendem-se palavras, frases e símbolos ininteligíveis uns sobre os outros.

Como um cão contrariado, ele rosna, ouvindo os passos acelerados do fugitivo a subir pelas escadas de madeira repletas de lixo. Limpando a testa com a manga do casaco, ele dispara novamente no seu encaicho.

Por baixo dos seus pés, a madeira centenária das escadas range, frágil e incerta. Parte dos degraus já colapsou, deixando buracos para os pisos inferiores. Tudo naquele prédio é precário. Contudo, pelo ar quente, percebe ser habitado por dezenas e dezenas de pessoas. Apesar de tudo, isto é bem mais seguro do que os túneis do metro...

— *Quarto andar...*

No final da escadaria, o agente volve à esquerda pelo corredor para, pela fraca luz encarnada que provém das frestas das portas empenadas, os seus olhares se encontrarem novamente. Ao fundo, de mãos encostadas à parede, o jovem arqueja, tragando rapidamente aquele ar bafiento e quente. Atrás dele, apenas uma janela revestida por pedaços de madeira e plástico. Filipe finalmente tem vantagem e permite-se dar uma breve trégua para ambos recuperarem o fôlego.

O silêncio reaparece. Com este vên dos quartos adjacentes os gemidos falsos das prostitutas que se entregam a um qualquer degenerado por um punhado de créditos. Naquele mosaico caótico de vermelho sombrio, ele é a personificação do terror aos olhos do rapaz.

Ele ainda observa a janela entaipada, mesmo sabendo que não conseguiria sobreviver, mas ainda assim parece ponderar esse salto.

— Por vezes, quando bates fundo, estás no quarto andar de um prédio e uma das soluções é ir de cabeça. É isso que queres? — pergunta com a sua voz áspera.

Derrotado, o rapaz abana a cabeça.

— Onde está o Félix? — inquire.

— O Félix... não sei.

O agente baixa o rosto para a arma na sua mão.

— Resposta errada, *puto*.

Não é preciso muito para que o efeito *Eagle* tome conta da jovem Ratazana.

— Eu... eu não sei onde ele está... — começa, soerguendo as mãos. — Mas sei onde ele irá estar. Desde que foi apanhado, ele mudou-se para a Rua Q. É o espaço dele. Todas as noites ele passa por lá às onze em ponto. Todos os Tecnal já sabem disso! — afirma, atropelando-se a falar.

— *Eis o que queria. Afinal esta corrida compensou* — pensa satisfeito consigo mesmo, passando a mão pelo peito.

O ardor nos seus pulmões ainda não abrandou. Está a demorar mais tempo que o normal. Mas agora ele não pode pensar nisso.

— Vamos. Hoje tens boleia para a esquadra.

— Nããõ, *Eagle*! Eu disse-te o que querias saber. Não podes virar a cara? Só hoje? — Chora, levando as mãos ao gorro.

O agente cerra o maxilar. Ele sabe que podia fazer isso. Contornar as regras apenas uma vez. Mas, no fundo, tem consciência de que não conseguiria viver com isso. Seria mais uma Ratazana livre nas ruas, disposta a matar por um par de créditos.

— Vamos! — repete friamente.

O pouco ânimo que restava ao jovem perde-se. A sua postura derrotada fã-lo encostar-se à madeira da janela. Mas a madeira e os plásticos podres estalam e o rapaz desaparece num ápice com um curto grito que se desvanece.

O som seco do impacto de um corpo no chão ergue-se surdo pela noite. Há mais uma mancha no asfalto.

— Mais papelada! — rosna Filipe com desagrado.

III

UM GIGANTE NO NEVOEIRO

Na noite seguinte, nada é diferente: o frio cortante, o nevoeiro pestilento, os aspersores que cospem vapor morno para o ar e as cores em preto e branco. Porém, a neblina lútea hoje parece mais densa. Certamente aproximam-se as chuvas ácidas, uma dádiva de um deus tirano que revela a sua própria natureza.

Onde Filipe se encontra, agachado na varanda apodrecida no primeiro andar de um dos prédios da Rua Q, não tem grande visibilidade para a extensão da rua. Abaixo de si, consegue apenas ver as carcaças de alguns carros apodrecidos e vandalizados atirados para ali como um cenário de guerra.

— Logo hoje o nevoeiro tinha de adensar! — rosna entredentes.

O miúdo de ontem já saiu da sua memória. Contudo, a informação que lhe deu é o que o faz estar ali à espera e que cedo se verifica correta quando, às onze da noite em ponto, passos se fazem ouvir pela bruma, a norte da rua.

— Não te preocupes. É boa! — ouve-se ao fundo uma voz nasalada e fuinha a incitar. — Eu não sou daqueles que vende Hipnos falsa!

A pulsação de Filipe aumenta. Ele reconhece-lhe a voz: Félix.

— Já te disse! É de confiança! — insiste a Ratazana.

Ele ergue um pouco a cabeça, tentando rasgar a neblina com o olhar, mas o nevoeiro denso ainda não o permite.

O arranhar dos sapatos na calçada suja e esburacada continua, com o outro sujeito ainda sem se pronunciar.

Os passos cessam. Eles estão a poucos metros de *Eagle*, mas ainda assim mantêm-se cobertos pelo manto cinzento.

— *Bolas! Eram só mais uns metros...* — pensa para si, observando apenas a sombra dos vultos, quando o candeeiro temperamental sobre eles acende a sua luz branca por momentos.

Mas um leve restolhar desperta a sua atenção para o lado oposto da rua. A sul, cabeças movem-se por entre a névoa como espectros, rápidos e mortais.

— *Dois, três, quatro...* — conta mentalmente os vultos dissimulados. — *Raios! O que estarão aqui a fazer?*

Rapidamente percebe que aqueles, ocultos, estão ali apenas para se certificarem de que a transação será concluída... de uma maneira ou de outra.

— *Mas tantos?! —* Isto ele não entende.

Uma brisa súbita enregelalhe os ossos e ele volta novamente a sua atenção para os homens no momento em que essa aragem lança a bruma numa espiral, afastando por instantes a cortina de lixo tóxico. Finalmente pode ver os dois personagens; um deles, o seu alvo, pequeno e magro, de casaco branco, barato, demasiado grande para a sua estatura. O outro, um homem grande, alto e largo, que visto daquele ângulo lhe parece um gigante em comparação com Félix. Os nervos assaltam-no, não pelo tamanho do homem, mas por aqueles que se preparam para atacar das sombras, Ratazanas silenciosas e letais com as suas navalhas infetadas.

— *Então, compras ou não?* — incita a voz nasalada.

— *Hunf...!* — rosna o homem na dúvida, inconsciente do ataque iminente.

— *Vai-te embora! Estás no meio de uma emboscada!* — grita dentro de si, com o coração a começar a bater mais forte, como um tambor que chama para a guerra.

O gigante, de cabeça baixa, pensa e repensa olhando o casaco da Ratazana, sabendo que lá dentro está algo precioso para si.

— *Porque não reparas...?! Raios!*

Filipe tem de agir rapidamente.

O tempo parece parar. O seu coração por momentos cessa o seu ritmo acelerado e rufa em par a cada dois segundos, enquanto, num movimento fluido e leve, retira a arma da sovaqueira e salta sobre o parapeito da varanda, deslizando no ar como um anjo da morte e aterrando de arma em punho, brilhante, polida, apon-tada ao traficante.

Os olhos pequenos de Félix encontram-no e arregalam-se em pânico.

— Eu disse-te que nos iríamos encontrar novamente, não te disse? — pergunta-lhe numa voz arrastada e fria, escondendo o pulsar rápido do seu coração, que dispara como cascos de cavalos em corrida.

A cerca de dois metros dele, lívido como se um fantasma o tivesse vindo buscar para o inferno, de rosto gorduroso e oval, a Ratazana quase desfalece ao vê-lo. De olhos no cano da arma, gagueja por momentos, recuando de boca aberta enquanto ergue as mãos, até as suas costas encontrarem a parede húmida do vapor de água do aspersor abaixo de si.

— Não! Por favor! O que te disse foi... foi a brincar! — balbucia, assombrado, em murmúrios cobardes. — Acredita em mim. Eu nunca iria dizer uma coisa daquelas ao... *Eagle!* — tenta afirmar em tom bajulador.

A mente de Filipe é levada ao momento em que o deteve, umas semanas antes: Félix, algemado de mãos atrás das costas, atirava-lhe com frases como:

— *Eu sairei em breve sem que nada possas fazer! Tu não passas de um boneco!*

Para espanto de Filipe, ele estava certo...

Agora o *Eagle* faz o cão da sua arma estalar. É um som pequeno e leve como um estalar de dedos, no entanto tão ameaçador como a pancada de um martelo na mesa de um juiz.

— Não, não, nããã... — implora Félix, protegendo o rosto com as mãos e deixando-se escorregar pela parede até cair sentado no asfalto, por entre o lixo que inunda o chão.

Uma sirene de alarme dispara na sua cabeça. Algo não está bem ali. Há uma peça que não se encaixa na equação!

— *Porque é que os lacaios de Félix ainda não atacaram? Porque é que este gigante ainda não fugiu?* — pensa, desviando a atenção para o homem, que se havia afastado uns passos.

Frente a frente pela primeira vez, os seus olhos percorrem aquela montanha de baixo para cima.

— *É esta a peça que faltava!*

Sendo Filipe um homem de estatura mediana, a sua cabeça dá-lhe apenas pelo peito. De ombros imensos, pelo sobretudo preto e velho, sem mangas, de gola levantada, ele deixa ver uma massa muscular tremenda no peito e nos braços. De veias salientes e grossas como canais, ele é um titã expelido do inferno, um ser de dois metros de altura de bruto poder. Ao olhar para cima, Filipe vê,

por entre a névoa espessa que desliza lentamente entre eles, parte do seu rosto, o pescoço largo e massivo, a queixada quadrada e o nariz direito. Estalidos metálicos provêm da sua boca, como se os seus dentes mastigassem uma bala. Os seus braços pendem ao longo do corpo como duas raízes grossas e as suas mãos abrem e fecham lentamente, como se as tivesse dormentes.

Claro que ele não fugiu, com o seu tamanho seriam precisas pelo menos cinco balas para o pôr de joelhos!

— *O que será que ele quer?* — pergunta-se, sem ponderar muito na resposta.

A tensão no ar é paralisante. Vapor de água quente ergue-se das grades do chão e gela quase instantaneamente, numa tentativa frustrada de aquecer e dar alguma humidade à atmosfera. Por momentos, o único som que rasga o ar é o silvo dos aspersores, acompanhado do som contínuo dos estalidos metálicos na boca do homem. A luz branca do único poste acende e apaga constantemente, como *flashes* de uma máquina fotográfica. As suas mãos continuam o mesmo movimento calmo e repetido. Ele sente que o gigante o olha lá de cima, mesmo sem ver claramente a sua face. O tabuleiro de xadrez está montado.

— *O que esperas? Age! Dá-me um motivo!* — grita para dentro de si.

E, como se o homem o tivesse ouvido, sabendo que o agente o olha, um dos seus braços vira-se lentamente e revela o dispositivo cibernético cravado na carne da parte interior do seu antebraço — é um orifício metálico, circular, rodeado por pequenas e ténues luzes vermelhas.

— *Tecnal! Claro! Quem mais poderia ser? Mas... Bolas! Nunca tinha visto um Tanque deste tamanho!*

Filipe é agente da Trisquel, inspetor da Unidade de Combate à Hipnos na periferia de Lisboa. A sua função é determinar o ponto de origem desta droga e apreendê-la, bem como os criminosos envolvidos neste tráfico. Lidar com os Tecnal não é a sua função.

Não é apenas por não ser a sua função que *Eagle* mantém a arma somente apontada para a Ratazana. Sem se dar conta, no seu íntimo, ele sente compaixão pelos Tecnal. Todos temos as nossas algemas; eles estão presos à Hipnos, e Filipe a algo que o prende à vida sem saber ainda o quê. Até lá há que sobreviver. É apenas isso que o Tecnal quer. Para além do mais, naquela situação, aquele gigante poderá jogar a seu favor.

— Félix! — chama.

O traficante, que tremia em silêncio, agita-se no chão num sobressalto.

— Já te pedi desculpa, *Eagle!* Por favor...

— Tira os frascos que tens no bolso e coloca-os no chão — ordena sem elevar a voz, interrompendo a Ratazana.

— Sim. Claro! Tudo o que quiseres.

De mãos nervosas, obedece prontamente, retirando três pequenos cilindros de vidro com tampa metálica. Lá dentro, agita-se o líquido castanho e translúcido. Os estalidos da boca do Tecnal cessam de imediato, a sua cabeça desliza levemente lá de cima e observa os cilindros na calçada. As suas mãos enormes fecham-se agora com força num movimento involuntário.

— Ei, Tecnal! — chama. — Não me compete a mim julgar-te.

O olhar do homem desliza do alto para os olhos de Filipe. Ele podia jurar que viu o gigante sorrir. Pelo rosto, parecem ter sensivelmente a mesma idade. O seu corpo verga-se como uma árvore prestes a cair por detrás da névoa e com a sua grande mão arrecada os três cilindros de uma só vez.

— Estão ali quatro Ratazanas escondidas — informa o agente com um meneio de cabeça apontado para o fundo da rua.

— Estão? Não te preocupes — responde com satisfação enquanto enfia os frascos nos bolsos do sobretudo.

Em três passadas, contorna Filipe e dirige-se para o fundo da rua.

— Tecnal! — chama novamente. — As últimas Hipnos que ele vendeu eram falsas. É melhor teres cuidado.

O gigante, já de costas para eles, para ao ouvir aquelas palavras.

— Não! Essa é verdadeira! Garanto! — afirma Félix, silenciando-se de imediato, não sabendo se a intervenção sairia em seu benefício.

Sem se voltar, o gigante desenha uma pausa. Há palavras que se debatem por brotar da sua boca, e fogem por entre os seus lábios.

— Quanto a não me julgares: espero que te recordes disso da próxima vez que nos cruzarmos — diz laconicamente, retomando de seguida o passo, desaparecendo por completo na névoa. Ao mesmo tempo, algo se move no topo do prédio e capta a atenção de Filipe. É uma sombra, demasiado rápida e furtiva para ser humana. Num instante, ela desaparece no negrume da noite pelos telhados em ruínas.

— *Eles andam sempre a observar! Sempre por perto. O que será que querem?* — pergunta-se, desviando depois o olhar dos prédios para o homem à sua frente. — Félix, sabes a rotina.

— Sim, sei! — afirma, derrotado, virando-se prontamente de barriga para baixo e colocando as mãos atrás das costas.

O agente guarda a sua arma no coldre e retira as algemas do cinto.

Uma comoção provém do fundo da rua. Sons de murros, pancadas e gemidos.

— É! Eram mesmo quatro! — grita, animado, o Tecnal da penumbra.

Um último murro ecoa ao fundo da rua ao mesmo tempo que uma bota velha salta da névoa e para aos pés de Filipe.

— Esta foi por ti... *Eagle!* — exclama no meio de uma gargalhada.

Com o joelho em cima das costas de Félix enquanto o algema, ele olha incrédulo para a bota suja. Um sorriso forma-se no canto dos seus lábios enquanto abana a cabeça. Uma sensação estranha percorre-lhe o rosto, algo como uma dormência... Há quanto tempo não sorria ele com vontade?